

OS QUE ESTAVAM SERVINDO SABIAM

HOMILIA NA SOLENIDADE DA MÃE DE APARECIDA PONTIFÍCIO COLÉGIO PIO BRASILEIRO 12 de Maio de 2020

Queridos irmãos e irmãs

Creio que um contributo importante que o método da narratologia aplicado à exegese bíblica tem trazido, é esta insistência a que, ao lermos os Evangelhos, não nos foquemos apenas nos conteúdos da história contada (a história de Jesus), mas também no modo como ela é contada. Na verdade, no desenrolar da revelação de Jesus, não interessa só *o quê*, mas também *o como*. Por exemplo, o evangelista João revela Jesus não apenas porque conta a história dele, mas porque a conta de uma determinada maneira. O IV Evangelho tem um objetivo bem definido (foi escrito “para crerdes que Jesus é o Cristo”, Jo 20,31), mas a narrativa evangélica propriamente dita apresenta-se como uma história aberta que deixa no ar perguntas, enigmas e ambiguidades, e fá-lo de propósito, precisamente para envolver o leitor no relato. Um exemplo claro é aquilo que sucede no início do Evangelho. Dois dos discípulos de João Batista colocam-se no encalço de Jesus: “Mestre, onde moras?”, perguntam-lhe. Mas Jesus não diz onde mora, antes os desafia: “Vinde e vede”. E o texto de Jo 1,39 informa-nos que eles, de fato, “foram, viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia”. A formulação não pode ser mais clara, nem mais enigmática! Por um lado, afirma-se que é possível ingressar no território existencial e simbólico de Jesus; por outro, se mantém o segredo que deixa curioso o leitor e o vai trabalhando internamente. É como se a indeterminação funcionasse como a construção retórica do encontro que cada discípulo é chamado a realizar com Jesus.

Maria ensina a Igreja a ler o Evangelho

O episódio das Bodas de Caná que hoje proclamamos tem estas características. Podemos dizer que não é um texto fácil de interpretar. Basta ler os comentários dos Padres da Igreja. O texto está organizado em duas intrigantes linhas de força que podemos designar como “o campo do saber” e “o campo do não saber”. Saber e desconhecer o quê? Saber ou desconhecer a identidade, a missão e o poder daquele Jesus que, aos olhos de tantos, era apenas mais um dos convidados daquelas bodas. O

“campo do não saber” é explicitamente representado pelo “mestre sala” e pelo “noivo”. Isso é bem patente quando o mestre-sala chama o noivo e lhe diz: “Todo mundo serve primeiro o vinho melhor e, quando os convidados já estão embriagados, serve o vinho menos bom. Mas tu guardaste o vinho bom até agora!” (Jo 2:10). Nem um nem outro sabiam o que estava acontecer e na presença de quem se encontravam.

O “campo do saber” aparece, como que em simetria, também representado por duas personagens principais: Jesus e a sua mãe. Jesus porque Ele é, efetivamente, a chave da ação transformadora. De facto, podemos afirmar que a atuação de Maria é subsidiária do poder do seu Filho. É a Ele que ela se dirige para informar sobre a carência que se verificava: “Eles não têm mais vinho” (Jo 2: 3). Maria se dá conta, está atenta ao contexto, aparece solícita na hora do fracasso, engajada com a realidade humana que mostra conhecer, mas endereça tudo a Jesus. Depois, ela escuta aquela resposta misteriosa da parte de Jesus, “Mulher, por que dizes isto a mim? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2:4), e sabe interpretar. Aparentemente a frase de Jesus podia ser entendida como um “não temos nada a ver com isso” ou então como um “ainda não é o momento”. Porém, Maria interpretou não como um sinal vermelho, mas como um sinal verde, como um mandato para agir. Maria é, por isso, perita a discernir o sentido das palavras de Jesus que muitas vezes nós não vemos claro. Mas Maria ensina a Igreja a ler o Evangelho. E depois se volta para os que estavam servindo e diz: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2:5), mostrando uma terceira forma de saber: ela sabe preparar, operacionalizar e concretizar a salvadora ação do Seu Filho. Em resumo, Maria mostra ter conhecimento da nossa realidade (realidade sempre frágil, sempre ameaçada pelo malogro e pela escassez), ter conhecimento profundo de quem é Jesus, e saber como fazer para que a glória de Jesus se manifeste na história. Estas três coisas explicam continuamente o lugar de Maria, nossa Mãe, na peregrinação que o Povo da Nova Aliança faz no tempo.

A serva do Senhor

Mas um elemento curioso da página evangélica que proclamamos é que a Jesus e a Maria no “campo do saber” nós podemos acrescentar também os servidores. O versículo evangélico afirma que quando o mestre-sala experimentou a água que se tinha transformado em vinho ele não sabia de onde vinha, mas os que estavam servindo sabiam, pois eram eles que tinham tirado a água (Jo 2:9). Eu gostaria de sublinhar esta informação do narrador joanino: “os que estavam servindo sabiam”. Ninguém melhor do que Maria é a literal ilustração desta verdade. É, na realidade, essa

verdade que explica o protagonismo de Maria naquela história, na história da Igreja e na nossa. “Ela sabia, ela conhecia, ela compreendia porque estava servindo”, porque desde a sua anunciação radicalmente se apresentou como “a serva do Senhor” (Lc 1:38).

Recordo a intensíssima saudação mariana escrita pelo grande poeta brasileiro Murilo Mendes, que viveu aqui em Roma muitos anos como diplomata. Dizia ele: “*Tu, Maria, primeira teóloga, primeira poetisa, tu que encerraste em teu seio a sabedoria do Verbo de Deus, me deste a vida do mistério, o conhecimento do dogma*”. Como é que Maria pode ser chamada “a primeira teóloga” e como transmite ela ao Povo de Deus “o conhecimento do dogma”? Porque ela nos fala dessa ciência de Deus que só quem serve apreende a fundo. Podemos, de facto, conhecer de muitas maneiras uma determinada realidade, mas nunca a conheceremos de forma tão autêntica como aquela que nasce do serviço. Servir é, no fundo, aquilo que mais nos permite conhecer. As ideias valem muito: não valem, contudo, só por si. Precisam daquela prova generativa, daquela fecundidade que só a experiência, a encarnação e o dom de si trazem.

E é como serva da vida e da misericórdia de Deus que veneramos Maria e não nos espante que ela seja em todos os tempos a “Aparecida”. Como escreve o vosso poeta Murilo Mendes, numa das suas composições marianas:

A Virgem Maria sempre apareceu

A Virgem Maria sempre figurou nos planos divinos

Desde a mais remota antiguidade.

Deus e o homem sempre conceberam a pureza e a inocência

Antes do rio antes do pólo antes do abismo.

Nas horas mais duras impossíveis de explicar

A Virgem Maria sempre apareceu e aparecerá.

A inteligência da fé é serviço

Queridos irmãos e irmãs

Não quero esquecer a grande responsabilidade que é pregar aqui, no Pontifício Pio Brasileiro, onde dezenas de sacerdotes de todo o Brasil vivem entregues ao estudo, nas diversas áreas da teologia e das ciências humanas. Quero deixar uma palavra de estímulo e desafiar-vos a viver o vosso estudo como um serviço, um serviço de que a Igreja muito precisa. Pensamento é serviço. Buscar profundidade de análise é serviço. Inteligência da fé é serviço. Preparar-se para apresentar as razões da nossa esperança é serviço. Gosto muito da definição de estudo que

fornece a filósofa Simone Weil. Ela dizia: é compreender que a própria vocação outra coisa não é do que a orientação completa da vida para a verdade, e que existir só ganha sentido na obediência a essa vocação, nesse desejo ardente pela verdade e no interminável esforço de atenção que a aproximação à verdade supõe. Só quando tal está salvaguardado, os estudos escolares se tornam “um desses campos que encerram uma pérola pela qual vale a pena vender todos os bens, sem nada guardar para si, a fim de a poder comprar”.

Penso que é preciso remover, antes de tudo dentro de nós, a falsa dialética entre o “padre pastor” e o “padre doutor”. Para remover essa mentalidade, cada um de nós tem de dar testemunho de viver a vida de estudo não como um passaporte para fazer carreira, mas como um vital, humilde e incansável serviço à vinha do Senhor. A ciência não é para exibir como um estatuto, mas é um instrumento para servir melhor, para estar ao lado dos outros com um coração verdadeiramente apostólico, consciente de que tudo nos foi dado gratuitamente e gratuitamente temos de restituir. E, do mesmo modo, a ciência não nos afasta da vida de oração e da oferta espiritual de nós mesmos aos irmãos. Lembro muitas vezes, para mim próprio, aquilo que escreveu João Guimarães Rosa no “Grande sertão, veredas”: “ninguém não pode me impedir de rezar, pode algum? O existir da alma é a reza”. O estudo não é só o exercitar da razão, mas também da alma, também do coração, também da “reza”. Só assim ele se torna credível e traz densidade, profundidade e atualidade ao viver eclesial.

Já no *Proémio da Constituição Apostólica Veritatis Gaudium*, o Papa Francisco fala da necessidade de apostar no diálogo para “fermentar uma autêntica cultura do encontro”, convidando a estabelecer um dialogo amplo e a cultivar contactos com os estudiosos de outros ramos do saber, quer se trate de crentes quer de não crentes. O mesmo faz Francisco na recente Encíclica *Fratelli Tutti*. O papa cita Vinicius de Moraes, um dos pais da MPB, e o seu “Samba da Benção”: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, fazendo o elogio da figura geométrica do poliedro que sabe integrar a multiplicidade. Mas para construir essa “nova e fraternal cultura do encontro”, para superar o fatalismo do desencontro, precisamos de pessoas preparadas. O diálogo cultural é exigente, requer mediadores competentes e credíveis, precisa de gente que, à maneira de Maria, “sabe, porque serve”. Há tanto a fazer num país extraordinário como o Brasil, onde há que anunciar o Evangelho ao povo e às elites, saber falar de Deus numa comunidade de base e numa universidade, estar em serviço missionário tanto na amazónia, numa

favela urbana como nos meios de comunicação social ou no meio da comunidade científica e artística.

Maria, Mãe da Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil é a Mestra que precisamos sempre ouvir. Dizia Hans-Urs von Balthasar: “Sem a mariologia o cristianismo ameaça de desumanizar-se. A Igreja torna-se funcionalística, sem alma, uma máquina febril incapaz de parar, dispersa em rumorosos projetos.” A Igreja precisa, em cada tempo, de aprender de Maria. De facto, como aponta o Papa Francisco no final da “*Evangelii Gaudium*”, “há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja” que precisamos colher. Porque – diz ele – “sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar” (E.G. 288).